

# Mensagem do Presidente



**S**audosismo?  
Do meu tempo de criança – que não vai longe porque dele não me esqueço, e que portanto não envelhece – conservo vivas lembranças.

Esta que narrarei tem como tela de fundo a avenida que corta o espigão paulistano, a Paulista dos escritores e dos poetas, também dos jacarandás mimosos, ipês, magnólias, primaveras, rosas, tudo então perfumando sua atmosfera e suas majestosas mansões.

Amanhecera o dia 15 de novembro de 1934 em São Paulo.

Nessa data, era tradicional o festejo do aniversário do compadre de meu avô Oliveira, o comendador Oscar do Nascimento, cuja moradia, elegante palacete, era conhecida como a casa rosada da Paulista. Sua fachada era revestida com mármore rosa português. A grade em ferro, artisticamente trabalhado, possuía o portão de ingresso social e o de entrada para automóveis. Depois de percorridos cerca de 15 metros do jardim todo florido, deparava-se com a monumental escada, também de rosa mármore, com corrimões palacianos. O casarão situava-se entre dois palacetes pertencentes às famílias Calfat e Rodovalho. Nesse dia, eu já havia completado sete anos e era aluno do Instituto Médio Italo Brasileiro Dante Alighieri. Deste fato, já então, dele me orgulhava.

Curiosos, uma dezena de infantes, entre os quais eu, haviam percorrido todos os espaços que circundavam o corpo da casa. Lembro-me até de que meu primo José Luiz, que era afilhado do seu Oscar, no correr, quebrara o ramo de uma roseira, fazendo rolar ao chão um lindo e perfumado botão, que apressadamente foi recolhido e jogado no jardim.

Naquele momento, estávamos todos às voltas com brincadeiras, apostando corrida, rodopiando pião, jogando bolinha de vidro, e as meninas, pulando corda, dando vida à cabra-cega e ao lenço-atrás.

Eis que uma voz feminina se faz ouvir, pedindo à criada que fossem apagar as velas que enfeitavam o bolo “pão de ló” (especialidade de dona Albertina, esposa de seu Oscar).

A garotada, ao lado dos quitutes e sob o bigode farto e a barba branca do aniversariante, chegava para aguardar o momento do tradicional assopro, e iniciar o ataque à hipnótica isca. Com uma caixa de fósforos nas mãos, o comendador Oscar dirigiu-se aos convidados dizendo que uma das mães ali presentes havia solicitado que fosse dada a palavra a um dos meninos que desejava saudá-lo.

O velhinho não deixou escapar a transformação no seu semblante, até então carrancudo. As 60 velinhas espetadas no bolo fizeram com que a sua felicidade irradiasse pelos sorridentes olhos celestes.

Fez-se silêncio. Um garoto de 7 anos, com o terno azul-marinho de calças curtas, camisa branca e gravatinha borboleta, aproximou-se do aniversariante e, sem demonstrar acanhamento, num improviso decorado, redigido pela mãe e com ela lido e relido inúmeras vezes, iniciou dizendo: “Um garoto de 7 anos tem o topete de dizer algumas palavras...”. Dois ou três minutos de oratória bastaram para que os atentos ouvintes coroassem o final do discurso com palmas, abraços e beijos ao orador. Comovido, o aniversariante pôs a mão sobre a cabeça do Zezinho, agradeceu ao menino e à respectiva mãe, a quem disse: “Amélia, o teu filho será um bom advogado.” E assim, riscou o palito de fósforo, mais outro e mais outro ainda, para incendiar os sessenta anos de luz.

O tempo passou. O menino tornou-se advogado, fazendo defesas até no júri popular. Aquele botão de rosa que fora escondido no jardim chegava, poucos dias depois, pelo correio à casa de dona Carmen, mãe de José Luiz, com um cartão educativo do padrinho, seu Oscar.

Saudosismo? Não creio...

**Por José de Oliveira Messina  
Presidente do Colégio Dante Alighieri  
ex aluno 1934/1946**